

A ÉTICA DOS ANTIGOS

Coleção CÁTEDRA

coordenada por GABRIELE CORNELLI

- *Platão: A construção do conhecimento*
José Gabriel Trindade Santos
- *Introdução à “filosofia pré-socrática”*
André Laks
- *A filosofia antes de Sócrates: Uma introdução com textos e comentário*
Richard D. McKirahan
 - *Fílon de Alexandria*
Francesca Calabi
- *Introdução à filosofia do mito*
Luc Brisson
 - *A ética dos antigos*
Mario Vegetti

MARIO VEGETTI

A ética dos antigos



Título original

L'etica degli antichi

© Mario Vegetti, Itália, 2011

ISBN 978-88-4209344-2

Tradução: *José Bortolini*

Direção editorial: *Claudiano Avelino dos Santos*

Assistente editorial: *Jacqueline Mendes Fontes*

Diagramação: *Ana Lúcia Perfoncio*

Revisão: *Tiago José Risi Leme*

Caio Pereira

Capa: *Marcelo Campanhã*

Impressão e acabamento: PAULUS

Proíbe-se a reprodução, mesmo parcial, efetuada por qualquer meio, inclusive a fotocópia, mesmo para uso interno ou didático. De acordo com a legislação italiana, a fotocópia é permitida apenas para uso pessoal, *desde que não prejudique o autor*. Portanto, qualquer fotocópia que evite a aquisição de um livro é ilícita e ameaça a sobrevivência de um modo de transmitir o conhecimento. Quem fotocopiar um livro, quem põe à disposição os meios para fotocopiar, quem de algum modo favorece essa prática comete um furto e age em prejuízo da cultura.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vegetti, Mario

A ética dos antigos / Mario Vegetti; tradução José Bortolini. – São Paulo: Paulus, 2014. – (Coleção cátedra)

Título original: *L'etica degli antichi*.

ISBN 978-85-349-4077-1

1. Ética - Grécia 2. Ética antiga I. Título. II. Série.

14-11665

CDD-170.938

Índices para catálogo sistemático:

1. Ética grega antiga: Filosofia 170.938

Coleção com apoio:



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura

UNI
TWIN

archai
AS ORIGENS DO PENSAMENTO OCIDENTAL

Cátedra Unesco Archai: sobre as origens do pensamento ocidental – UnB
Estabelecida em 2011



Universidade de Brasília

Programa UNITWIN/Cátedras UNESCO

1ª edição, 2014

© PAULUS – 2014

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 • São Paulo (Brasil)

Fax (11) 5579-3627 • Tel. (11) 5087-3700

www.paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-4077-1

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO.....	11
PREMISSA	13
Capítulo primeiro	
OS INÍCIOS E AS CONSTANTES	19
1. Entre moral e ética: Homero, Sócrates, Aristóteles	19
2. As constantes: a função da moral	21
3. As constantes: delimitação do sujeito moral	22
4. As constantes: felicidade e virtude	27
Nota	29
Capítulo segundo	
O PROBLEMA DA <i>ILÍADA</i> : DIALÉTICA DA MORAL PRÉ-POLÍTICA ...	31
1. A virtude da força.....	31
2. A cidade impossível.....	38
3. Esquecer Homero?.....	51
Nota	54
Capítulo terceiro	
A MORAL POLITIZADA: APOGEU E CRISE	57
1. O empreendimento soloniano	57
2. Tornar-se iguais: “a cidade educa os homens”	66
3. A natureza do poder: crise da moral politizada	77
4. A cidade perdida e a sua nostalgia	89
Nota	92
Bibliografia	94
Capítulo quarto	
RUMO À INTERIORIZAÇÃO DA MORAL: VENTURA E DESVENTURA DA ALMA	99
1. “Dioniso verdade alma”	99
2. Especialistas da alma: do <i>daímon</i> ao verdadeiro eu	111

3. A alma contra si mesma: falimento do “verdadeiro eu”	123
4. A herança da alma	132
<i>Nota</i>	135
<i>Bibliografia</i>	137

Capítulo quinto

CONFLITO E RECOMPOSIÇÃO:

O PROJETO DA ALMA E DA CIDADE EM PLATÃO	139
1. A <i>República</i> e suas personagens	139
2. A crise: cisão e conflito de alma e cidade	144
3. A cidade recomposta: hierarquia e justiça	147
4. O governo da alma	162
5. Educação e condicionamento da República às Leis	171
6. O Bem e a batalha da dialética	175
7. Promessas de felicidade	182
8. O tempo e o espaço: a dialética do platonismo e suas heranças	184
<i>Nota</i>	190
<i>Bibliografia</i>	191

Capítulo sexto

RECOMPOSIÇÃO SEM CONFLITO:

A ÉTICA DE ARISTÓTELES ENTRE SOCIEDADE E NATUREZA	195
1. A autonomia da filosofia prática e a delimitação epistemológica da ética	195
2. Contra Platão: do Bem aos bens	205
3. Felicidade e virtude: a alma, a família, a cidade	210
4. Uma ética entre sociedade e natureza	222
5. O bom uso das paixões e a estrutura da ação moral	225
6. “Prazeres maravilhosos”: a teoria, a escola, o filósofo	242
7. Anacronismo e a-historicidade: uma ética para todas as estações?	251
<i>Nota</i>	256
<i>Bibliografia</i>	257

Capítulo sétimo

LIBERDADES DIFÍCEIS: A PAIXÃO E O DESTINO	261
1. Liberdades difíceis	261
2. A paixão é razão	268
3. A paixão é doença	274
4. As terapias da paixão	284
5. O destino: escravos ou soldados	296
<i>Nota</i>	313
<i>Bibliografia</i>	315

Capítulo oitavo

O MITO DO SÁBIO	319
1. A norma descrita	319
2. O touro de Fálaris	326
3. O arqueiro e o ator.....	331
4. A arte de viver e de morrer	340
5. O estoicismo após os estoicos	347
<i>Nota</i>	350
<i>Bibliografia</i>	350

Capítulo nono

O FIM DAS VIRTUDES E O ÊXODO DA ALMA	353
1. Uma ética sem história: os professores de filosofia e seus rivais.....	353
2. Novas necessidades, novas respostas	357
3. Além das virtudes: Plotino.....	359
4. O retorno da alma.....	368
5. “Somente Platão não estava”	373
<i>Nota</i>	373
<i>Bibliografia</i>	375

BREVE ATUALIZAÇÃO BIBLIOGRÁFICA 1996.....	377
---	-----

ÍNDICE DOS AUTORES E LUGARES CITADOS	379
--	-----

Na Casa da Alma, vagueiam as Paixões –
belas mulheres vestidas de seda,
a cabeça ornada de safiras.
Da porta até o interior da casa,
todas governam as salas. Na maior –
de noite, quando arde-lhes o sangue –
dançam e bebem, os cabelos soltos.

Fora das salas, pálidas e malvestidas,
com vestes de um tempo fora da moda,
vagueiam as Virtudes escutando amarguradas
a festa que fazem as bêbadas etéreas.
Com os rostos colados aos vidros das janelas,
observam em silêncio, pensativas,
as luzes, os diamantes e as flores da dança.

C. KAVAFIS, *Poesie segrete* (1894)

APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO

A *Coleção Cátedra* deriva seu nome da *Cátedra UNESCO Archai: as origens do pensamento ocidental*, que quis emprestar a esta coleção sua filosofia de trabalho e sua sensibilidade para os estudos das origens do pensamento ocidental.

A UNESCO, patrocinando o Grupo Archai como sua Cátedra, e tornando-o membro da rede UNITWIN da *UNESCO Chairs*, reconheceu o impacto científico de suas diversas atividades. De fato, Archai atua há mais de uma década como centro de consolidação de pesquisas, organização de cursos e seminários, e publicação de livros e revistas, com forte atuação no âmbito nacional e internacional, procurando construir uma abordagem interdisciplinar que permita fazer compreender a filosofia antiga em seu contexto político, econômico, religioso e literário.

Em parceria com a Paulus, editora renomada e de grande alcance no mercado editorial brasileiro, a coleção visa disponibilizar, para um público brasileiro de especialistas e interessados, cada dia mais amplo e exigente, monografias, comentários, traduções, compêndios e obras temáticas que explorem o vasto campo do pensamento ocidental em suas origens greco-romanas.

Gabriele Cornelli

Diretor da Coleção Cátedra
Coordenador da Cátedra UNESCO Archai
www.archai.unb.br

Escrever uma história exaustiva da ética antiga é empreendimento difícil, não somente de fato (dada a vastidão dos problemas e da literatura relativa), mas também por razões de princípio.

Com efeito, não se pode escrever uma história das teorias éticas formuladas pelos filósofos: até Platão, a ética não possui qualquer autonomia da “sapiência” e da “filosofia”; com Aristóteles, essa autonomia é reconhecida à “filosofia prática”, onde, todavia, a ética está estreitamente associada à política, dado que a própria Ética a Nicômaco é definida por seu autor como um tratado de política. Nas filosofias helenistas, a ética é, sim, considerada uma parcela autônoma da filosofia, porém está ligada à física como (para usar uma metáfora estoica) uma fruta está ligada à sua árvore. Finalmente, no neoplatonismo, a autonomia da ética é novamente anulada.

Portanto, os espaços de autonomia são de tal forma reduzidos que uma história não arbitrária das teorias éticas deveria acabar coincidindo amplamente com uma história de conjunto do pensamento antigo e, a este ponto, não do pensamento filosófico, porque elementos de ética estão bem presentes também em saberes de tipo científico, como a medicina e até a astrologia.

Por outro lado, que sentido teria semelhante história se se ignorasse o pano de fundo dos problemas morais da sociedade antiga, à qual evidentemente as teorias éticas estão estreitamente vinculadas como nível de interpretação e de reflexão? As próprias

noções de virtude, de cidade, de lei, de alma, de destino, de paixão, de felicidade, das quais o pensamento ético ter-se-ia alimentado, nascem, de fato, em âmbito extrafilosófico, no terreno da experiência religiosa, política, social, e encontram suas primeiras expressões culturais nas linguagens da poesia, da tragédia, da historiografia. Uma história das teorias éticas deveria, pois, integrar-se com a história das ideias morais e do seu contexto antropológico de conjunto. Nesse sentido, fizeram-se grandes tentativas: será suficiente recordar as obras, tão diversificadas entre si, de Jaeger, Dodds, Adkins, Havelock, Gernet e Vernant. Todavia, do ponto de vista cronológico, nenhuma delas ultrapassa o limiar do IV século a.C., e todas tendem, inevitavelmente, a privilegiar o quadro antropológico, em vez da especificidade do discurso filosófico.

Pensar numa história da ética antiga que não ignorasse essas dificuldades, e que por outro lado não resultasse superior às forças tanto do autor quanto do leitor (como teria sido uma história de conjunto do pensamento antigo integrada por uma história das ideias morais e do seu quadro antropológico), pretenderia então pensar sobretudo em opções, seleções, privilégios.

Portanto, procurei isolar e focalizar lugares, momentos, cenários de encontro entre problemas morais e reflexão ética, cujo significado me parecia decisivo tanto para a tradição antiga quanto por suas heranças. Na primeira parte do livro, dedicada aos grandes temas da virtude, da política, da alma, predominam inevitavelmente fontes e ideias extrafilosóficas, que se entrecruzam com os primeiros segmentos da reflexão teórica. Na segunda parte, todo esse material é confrontado com as teorias éticas da época helenista e romana, que o rearticulam em torno dos nós cruciais da paixão, do destino, da felicidade e da sabedoria. Como divisor de águas, os dois capítulos centrais destinam-se a uma análise aproximada dos dois maiores textos do pensamento ético antigo, aqueles textos de resto destinados a dominar também as suas heranças modernas: a *República* de Platão e a *Ética a Nicômaco* de Aristóteles.

Desse modo, pareceu-me poder construir uma perspectiva de conjunto suficientemente articulada e compreensiva, embo-

ra renunciando a uma impossível completude. Certo, tratou-se sempre de opções, e as opções são de alguma forma opináveis. Por exemplo, consagrou-se pouco espaço à tradição atomista, de Demócrito a Lucrecio, à socrática ou às vezes à platônica, como Plutarco e Numênio; somente como pano de fundo é que esteve relegada a problemática religiosa da época imperial, tanto pagã quanto judaica e cristã. Consciente dessas seleções, o autor deve pelo menos esperar que sirvam para a legibilidade do livro, e que ele seja avaliado também por aquilo que contém, e não somente por aquilo que omite.

A organização da narrativa por cenários e por nós centrais apresentava, além disso, um difícil problema de ordem conceitual. Ou seja, ela comportava o risco de construir uma série de “figuras” ou de “estágios”, e destinados a se ultrapassarem reciprocamente, numa espécie de fenomenologia hegeliana onde a sucessão cronológica teria constituído (como acontece com frequência) também o princípio de uma série de superações teleológicas, chegando a culminar num fim (o neoplatonismo) que teria então resultado também o “fim” da narrativa. Pelo contrário, dado que em minha opinião não nos encontramos aqui diante da história de um “progresso” linear do pensamento ético (como de resto sequer àquela de uma “decadência” sua das origens), se tratava de evitar esse possível efeito da narrativa. Portanto, no fim de cada capítulo, indiquei aquilo que, das perspectivas e das ideias analisadas, estava destinado a subsistir, a permanecer insuperável, a retornar na tradição antiga e em sua posteridade. Isso tornava-se necessário para mostrar como, na cultura antiga, as diversas tradições permanecem tenazmente, sem que nem Platão nem Aristóteles, mas no fundo sequer Homero e o pensamento da alma e da *polis*, sejam efetivamente “superados” por posições novas. E tornava-se também necessário para fazer ver como o pensamento antigo transmitiu à reflexão e ao debate ético a nós contemporâneos uma herança articulada numa pluralidade de posições, acerca das quais se continua a discutir e a tomar posições. Somente em alguma época, como no Humanismo, ou nas

suas nostálgicas reproposições mais próximas a nós, tem sido o “clássico” no seu conjunto quem constituiu o fundamento de uma ética. Mas essa visão unitária do “clássico” comporta esforços de conciliação das diferenças e das alternativas, com forte caráter retórico e esteticista, que resultam improdutivos no plano historiográfico e nem mesmo úteis para pensar criticamente o quanto subsiste de significativo na herança antiga. Nesses “epílogos” a cada capítulo, o ponto de vista da posteridade (também daquela contemporânea a nós) foi, portanto, assumido como explícito destinatário da narrativa historiográfica.

Ao longo de todo o livro, aparece também outro interlocutor metacrônico, Aristóteles. Isso não porque a sua ética constitui, em minha opinião, o vértice do acontecimento narrado. Mas em virtude do seu poder de codificação, interpretação e crítica da tradição precedente, e da eficácia conceitual que ele mantém sobre a posterior. Aristóteles garante, em todo caso, um nítido ponto de vista filosófico sobre temas morais também de matriz extra-filosófica, e uma clara referência analítica na complexidade e no calor às vezes desmedido dos debates éticos. Era, portanto, justo atribuir-lhe uma função de algum modo meta-histórica, embora naturalmente essa meta-historicidade devesse ser interpretada, como procuramos fazer a seu tempo.

Tudo isso terá alcançado seu objetivo se o livro se mostrar pelo menos parcialmente apto para contribuir para uma melhor compreensão prospectiva dos problemas da ética antiga, e portanto por esse caminho também das remotas origens dos problemas modernos.

Visto tratar-se de livro que não contém notas, recorreu-se abundantemente à citação direta das fontes no texto. As bibliografias colocadas como apêndice a cada capítulo não pretendem, de forma alguma, ser completas. São destinadas a prestar contas das referências interpretativas conservadas mais de perto presentes. Foram citados preferencialmente trabalhos mais recentes, exceto no caso de algumas obras necessárias por serem a seu modo “clássicas”, também para propor a leitores e estudiosos não es-

pecializados itinerários de aprofundamento crítico efetivamente percorriáveis sobre os diversos problemas debatidos. Em todo caso, procurou-se ter presentes todas as maiores áreas linguísticas e culturais da pesquisa historiográfica, sem ceder ao uso já largamente difundido de privilegiar uma província (nos casos de traduções italianas, indicou-se entre parênteses, quando parecia oportuno, a data da edição original).

As “notas”, também colocadas como apêndice para cada capítulo, são destinadas a oferecer aos leitores não especializados as necessárias informações biográficas e bibliográficas sobre os autores citados no texto. As abreviaturas usadas no texto são explicitadas no “Índice dos autores e dos lugares” situado no fim do livro.

Outra coisa não me resta senão o prazeroso dever dos agradecimentos. Materiais preparatórios do livro foram apresentados e debatidos no Istituto di Studi Filosofici de Nápoles, no Istituto Banfi de Régio Emília, na Scuola Normale Superiore de Pisa, nas Universidades de Roma, Turim, Veneza e Calábria. Agradeço a todos os que tornaram possíveis essas ocasiões de encontro e de avaliação, que participaram nos debates com sugestões úteis. Agradeço também àqueles amigos, como Chiara Crisciani e Pierluigi Donini, que leram e proficuamente criticaram partes do livro. O agradecimento especial a Marta Cristiani e Eugenio Lealdano por seu encorajamento inicial. Finalmente, todo o meu reconhecimento para Silvia, Valentina e Matteo, que acompanharam, ajudaram, e às vezes sofreram cada dia deste longo trabalho.

M.V.